

# As construções [V1<sup>VIVER</sup> ANDAR/IR/SAIR/VIR/ +V2GERÚNDIO] e a expressão do aspecto: restrições sintático-semânticas e motivações cognitivas do seu processo de gramaticalização

Sueli Maria Coelho\*  
Adriana Maria Tenuta\*\*

## Resumo

Estuda-se, à luz de um quadro teórico de interface entre linguística cognitiva e gramaticalização de construções, o processo de auxiliarização de cinco verbos da língua portuguesa que, de alguma forma, traduzem a noção de movimento. Explora-se a hipótese de que os esquemas imagéticos presentes na conceptualização desses verbos podem explicar algumas restrições sintático-semânticas identificadas nas construções aspectuais com valor durativo/iterativo resultantes dessa gramaticalização. A análise diacrônica empreendida acusou que, à exceção de [V1<sup>SAIR</sup>+V2GERÚNDIO], que se gramaticalizou apenas no período clássico da língua, as formas “andar, ir, vir e viver” já funcionavam como auxiliares aspectuais quando combinadas com uma forma nominal de gerúndio desde o século XIII. Observou-se, ainda, que o esquema FONTE-TRAJETO-ALVO é fator imprescindível para que o verbo de movimento seja reanalisado como forma auxiliar em uma construção em que V2 é uma forma de gerúndio, além do que a combinação de dois esquemas imagéticos dificulta o processo de reanálise, retardando, assim, o curso da gramaticalização do auxiliar.

Palavras-chave: Construção. Verbo de movimento. Aspecto verbal. Gramaticalização. Esquemas imagéticos.

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em linguística, Professora de língua portuguesa da Faculdade de Letras (FALE) da UFMG e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da mesma faculdade. <https://orcid.org/00000-0003-4021-0339>.

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em linguística, Professora de língua inglesa da Faculdade de Letras (FALE) da UFMG, Coordenadora do Núcleo de Estudos da Língua em Uso (NELU) da FALE/UFMG e membro do GT de Cognição e Linguística da ANPOLL. <https://orcid.org/0000-0002-7169-640X>.

# The constructions [V1<sup>ANDAR(WALK)/IR(GO)/SAIR(GO OUT)/VIR(COME)/VIVER(LIVE)</sup>+V2GERUND] and the expression of aspect: syntactic-semantic constraints and cognitive motivations for their grammaticalization process

## Abstract

This article has investigated, under the theoretical framework of cognitive linguistics, more specifically, using the concept of image schemas, the grammaticalization process undergone by five verbs in the Portuguese language that somehow express the notion of movement. It has explored the hypothesis that the image schemas found in the conceptualization of those verbs can explain some syntactic-semantic constraints identified in the durative/iterative constructions resulting from this grammaticalization. The diachronic analysis carried out showed that, differently from the [V1<sup>SAIR(GO OUT)</sup>+V2GERUND], that was grammaticalized only in the classical period of the language, “andar (walk), ir (go), vir (come) and viver (live)” were already functioning as aspectual auxiliaries when combined with a gerund form since the 13th century. It has also been observed that the SOURCE-PATH-GOAL schema is a positive constraint for the verb of movement to be reanalyzed into an auxiliary verb in a construction in which V2 is gerund, apart from the fact that the combination of two image schemas act as a negative constraint on the process of reanalysis, slowing down the grammaticalization course of this auxiliary verb.

Keywords: Construction. Verb of movement. Verbal aspect. Grammaticalization. Image schemas.

Recebido em: 06/05/2020

Aceito em: 16/07/2020

## Considerações iniciais

Fenômeno amplamente explorado na literatura linguística, o processo de auxiliarização ainda desafia estudiosos das mais diversas línguas nas mais variadas abordagens. Desde os trabalhos pioneiros de Benveniste (1968), para o francês, e de Pontes (1973), para o português, o tema periodicamente volta à baila, neste ou naquele quadro teórico, e nem por isso foi ainda exaustivamente explorado. Algumas questões, contudo, que nos tocam mais diretamente no âmbito deste artigo, já são consensuais entre os diversos estudiosos:

- (i) os itens que se tornam auxiliares têm como fonte verbos nocionais ou lexicais;
- (ii) no processo de se tornar auxiliar, um item pode sofrer transformações de natureza fonética, morfossintática e semântica [...];
- (iii) o processo de auxiliarização é diacrônico e suas etapas podem, em princípio, ser localizadas em períodos precisos de uma língua;
- (iv) o fato de se tratar de um fenômeno processual permite atribuir-lhe natureza gradual [...] (VITRAL; COELHO, 2019, p. 253).

As premissas sumarizadas nas palavras de Vitral e Coelho (2019) relacionam-se intimamente com o conhecido fenômeno da “gramaticalização”, cujo termo foi cunhado por Meillet (1948 [1912]) para se referir ao processo de mudança linguística de uma forma outrora nocional que, no curso da língua, esvazia-se de suas propriedades lexicais em favor da assunção de propriedades gramaticais. No pilar dessa evolução, encontram-se, entre outras motivações, aquelas de ordem cognitiva, mais estritamente ligadas aos processos de natureza metafórica, já que a passagem de uma forma do estágio lexical ao estágio gramatical, ou mesmo de um

estágio menos gramatical para um estágio mais gramatical, tal como postulado por Kurylowicz (1965), pressupõe um processo de abstração. Nessa perspectiva, este artigo visa a contribuir tanto com aqueles que se dedicam ao estudo da auxiliarização, mais especificamente ao exame daqueles auxiliares cuja função é denotar noções aspectuais, quanto com aqueles que se dedicam ao estudo de metáforas e esquemas imagéticos, buscando, à luz de pressupostos teóricos da linguística cognitiva, investigar o processo de gramaticalização de cinco verbos de movimento<sup>1</sup> da língua portuguesa que se juntam à forma nominal de gerúndio para denotar noções aspectuais, tal como ilustrado por estes dados:

(01) “[...] o Natalino **andou estudando** órgão com um frade de má reputação [...]” (séc. XX).

(2) “Um pintor não **sai criando** igualzinho a um deus. Apenas estala o dedo e, pronto, o desenho surge.” (séc. XX).

(03) “[...] traziam provimento de aves e de ovos, com que **iam sustentando** a vida [...]” (séc. XVIII).

(04) “Bem o experimentou Nabal casado com Abigail (história bem sabida do Texto Sagrado) que como ela se determinou a governá-lo, emendando seus erros, logo evitou a destruição, que **vinha caindo** sobre toda a casa.” (séc. XVII).

(05) “Minha avó dinamarquesa **vivia falando** que não existia pior lugar para envelhecer que o Brasil.” (séc. XX). (DAVIES; FERREIRA, 2006).

Um mero olhar para as construções destacadas de (01) a (04) converge instantaneamente para um ponto de congruência: todos os verbos gramaticalizados como auxiliares, em sua

---

<sup>1</sup> Apoiando-nos em Talmy (2000, p. 25), estamos concebendo a noção de movimento relacionada a tais verbos como um “evento de movimento básico”. Esse tipo de evento apresenta quatro componentes essenciais: (i) a Figura (“objeto em movimento ou localizado em relação a outro objeto”); (ii) o Fundo (objeto referência para a Figura) — que, na proposta de Langacker (1987; 2008), correspondem a Trajetor e Marco, respectivamente — e os conteúdos semânticos; (iii) Caminho (realizado pela Figura); e (iv) Movimento. Importante observar que, nessa conceptualização de evento ou de verbo de movimento, não se requerem, para a Figura, traços semânticos de agentividade ou de volição.

forma pré-gramatical, traduzem movimento concreto e, ao se juntarem a uma forma nominal de gerúndio, formando com ela a construção de verbo auxiliar enfocada neste artigo, passam a conotar noções aspectuais ligadas à duração do evento. Em (05), temos o verbo auxiliar “viver”, cuja noção de movimento é de natureza distinta dos demais, já que seu conteúdo semântico pode ser compreendido como expressando movimento abstrato. Essa abstração de “viver” advém de uma interpretação, na perspectiva de Lakoff (1993), relacionada à “Metáfora de Estrutura de Evento” A VIDA É UMA JORNADA (“LIFE IS A JOURNEY”). Expressões linguísticas como “*He is without direction in life*” (Ele está sem direção na vida) e “*He’s never let anyone get in his way*” (Ele nunca deixou ninguém entrar no seu caminho) (KÖVECSSES, 2002, p. 4) são manifestações nas línguas inglesa e portuguesa, respectivamente, de A VIDA É UMA JORNADA e é por meio dessas expressões que esse autor introduz e explica o conceito da metáfora conceptual: “Assim, todas as expressões acima que têm a ver com a vida e que vêm do domínio da jornada são expressões metafóricas linguísticas, enquanto a metáfora conceptual correspondente que elas manifestam é a vida é uma jornada.”<sup>2</sup> (KÖVECSSES, 2002, p. 5). Operando nesse domínio, VIVER É REALIZAR UMA JORNADA/VIVER É VIAJAR, e, em todas essas conceptualizações, há um conteúdo de movimento pressuposto. No contexto dessas metáforas, encontram-se os seguintes mapeamentos: “O domínio fonte é Espaço”, “O domínio alvo é a Vida” (o Evento), “A pessoa vivendo é o viajante”, “Os estados são locais”, “As dificuldades são impedimentos ao movimento”, “As mudanças são movimentos”, “As ações são movimentos

---

<sup>2</sup> Do original: “Thus, all the expressions above that have to do with life and that come from the domain of journey are linguistic metaphorical expressions, whereas the corresponding conceptual metaphor that they make manifest is life is a journey.” (KÖVECSSES, 2002, p. 5).

automotores”. (LAKOFF, 1993, p. 222-223). Nesse sentido, todos os cinco verbos que ocupam a posição de auxiliar nas construções estudadas, exemplificadas de (01) a (05), em seu sentido pré-auxiliar, expressam, pois, movimento, quer concreto, quer abstrato.

Para além da distinção relativa ao tipo de movimento conceptualizado, também o conteúdo conceptual básico que subjaz ao significado primordial desses auxiliares não é exatamente o mesmo, o que suscita a hipótese de que questões cognitivas mais fundamentais possam tanto atuar sobre as restrições sintáticas e semânticas do processo de gramaticalização desses verbos, quanto determinar especificidades funcionais das construções em que atuam como auxiliares. Em face de tal especulação, é, pois, nosso objetivo mais amplo, ao longo deste artigo, analisar diacronicamente as construções aspectuais [V1<sub>ANDAR/IR/SAIR/VIR/VIVER</sub>+V2<sub>GERÚNDIO</sub>] na língua portuguesa, buscando descrever as motivações cognitivas envolvidas em seu processo de gramaticalização, bem como identificar possíveis restrições sintático-semânticas delas advindas.

Desde que Lehmann (1982) propôs seis parâmetros para se aferir o grau de autonomia de uma forma e, conseqüentemente, mensurar seu grau de gramaticalização, é unanimemente aceito que esse processo de mudança linguística impõe restrições sintáticas (a forma gramaticalizada integra um paradigma pequeno e ocupa uma posição mais fixa) e semânticas (esvaziamento de traços semânticos) às formas que se gramaticalizam. Entretanto, os trabalhos até então empreendidos não correlacionam tais restrições a questões cognitivas subjacentes ao processo de gramaticalização, o que se apresenta, portanto, como uma contribuição deste estudo. Diferentemente do que aqui se propõe,

a abordagem da metáfora no processo de gramaticalização é comumente restrita à abstração da forma, que, por meio do esvaziamento semântico, perde determinadas propriedades lexicais e, em decorrência disso, incorpora funções gramaticais.

O tratamento que ora estamos dando ao fenômeno da gramaticalização dos verbos auxiliares das construções aspectuais durativas/iterativas [V1<sub>ANDAR/IR/SAIR/VIR/VIVER</sub>+V2<sub>GERÚNDIO</sub>] apoia-se no pressuposto mais básico da linguística cognitiva, que é o da “corporeidade” (VARELA; THOMPSON, ROSCH, 1991), segundo o qual o organismo está intrinsecamente relacionado ao seu ambiente. (SINHA, 1999). Na esteira desse pressuposto, a utilização da linguagem, para a qual o ser humano é capacitado, depende de recursos cognitivos subjacentes. (FAUCONNIER, 1994; 1997). Trazendo essa compreensão para nossa análise, adotamos o conceito de “esquemas imagéticos” (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987), que, para o modelo teórico da linguística cognitiva, ampara sistematicamente os significados linguísticos. Esse conceito remete-nos a um tipo de estrutura mental, pré-consciente, primordialmente ancorada no nosso aparato perceptual sensório-motor. Nessa concepção, o ser humano demonstra a capacidade de abstrair padrões das experiências recorrentes e de fixá-los em sua mente como esquemas, *gestalts* estruturadas. Essa capacidade cognitiva é indissociável do uso da linguagem. Para Langacker (1987), a esquematização é um processo de entrincheiramento na memória, de rotinização de padrões, ilustrando a proposta de corporeidade da linguística cognitiva. Esquemas imagéticos, que possibilitam mapeamentos metafóricos, estão, portanto, na base da proposta das metáforas conceituais (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e podem ser usados para explicar muitos fenômenos linguísticos.

Dos vários tipos de esquemas imagéticos já propostos, listados em Evans e Green (2006), selecionamos, das categorias LOCOMOÇÃO e CONTENÇÃO, respectivamente, os esquemas FONTE-TRAJETO-ALVO e CONTENTOR, como relacionados à nossa análise. Assim, neste estudo, pretendemos, a partir da identificação de um padrão de conteúdo lexical original para V1, ligado, concreta ou metaforicamente, a movimento, apontar para a existência de uma base cognitiva comum a esses verbos, o esquema imagético FONTE-TRAJETO-ALVO. Nessa linha de análise, propomo-nos, para cada um dos verbos auxiliares das construções aspectuais enfocadas, apreender seu padrão conceptual mais específico. Dessa forma, identificamos (i) os elementos do referido esquema (*fonte, percurso, alvo*), ou outros conteúdos semânticos relacionados a movimento (*modo, direção, orientação*), que são perfilados pelo verbo, assim como (ii) outro(s) esquema(s) imagético(s) que eventualmente entre(m) na conceptualização desse verbo, como, por exemplo, CONTENTOR. Acreditamos, assim, que esta análise, de natureza cognitiva, tenha o potencial de explicar restrições sintáticas e semânticas no processo de gramaticalização dos verbos auxiliares das construções aspectuais sob investigação neste estudo. Antes de passarmos à nossa análise, descrevemos, na próxima seção, os procedimentos metodológicos que adotamos.

## 2 Procedimentos metodológicos

Considerando-se que, conforme apresentado na seção precedente, nosso propósito, nos limites deste artigo, não se volta especificamente para a descrição do processo de gramaticalização das cinco formas verbais selecionadas para o estudo — a saber,



os verbos “andar, ir, sair, vir e viver” —, mas para a análise de uma possível correlação entre os esquemas imagéticos ligados às suas formas lexicais e as restrições sintático-semânticas e funcionais das construções aspectuais que tais formas passam a integrar depois de gramaticalizadas, não nos cabe, do ponto de vista metodológico, controlar diacronicamente a frequência lexical e a frequência gramatical de cada um dos cinco verbos estudados. Assim, há de se registrar que nossa intenção com a análise diacrônica de dados foi de cunho quantitativo e qualitativo, limitando-se, portanto, (i) a tentar identificar a partir de que momento da história da língua essas construções aparecem gramaticalizadas; (ii) a buscar flagrar o possível contexto de reanálise da construção, bem como (iii) a verificar a produtividade da construção aspectual ao longo dos séculos, com o objetivo estrito de correlacionar tais dados com os esquemas imagéticos das formas lexicais, de modo a entender o processo de abstração que culminou na sua gramaticalização e a testar a hipótese aventada, qual seja, a de que as metáforas conceptuais das formas lexicais possam interferir no processo de restrição sintática, semântica e funcional das formas gramaticalizadas.

Para tanto, recorreremos a um banco de dados cuja consulta fosse disponibilizada em plataforma eletrônica, para o que selecionamos o **Corpus do Português**, organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira e acessível em <https://www.corpusdoportugues.org/>. Trata-se de um *corpus* representativo e que, atualmente, já conta com duas partes, sendo uma delas voltada para pesquisas históricas, constituída de textos produzidos entre os anos 1200 e 1900, e outra, para pesquisas sincrônicas, composta por textos mais modernos, que permitem o estudo de variações dialéticas. Considerando-se o objetivo

de nosso estudo, a consulta se restringiu ao *corpus* histórico, que contempla 45 milhões de palavras. Especificamente para o século XX, a plataforma permite delimitar a coleta a gêneros de estilo falado, ficcional, jornalístico e acadêmico, procedimento que não foi adotado por nós, já que não era nosso objetivo controlar a frequência das construções estudadas em função do gênero textual, bem como porque tal seleção não é possível de ser efetuada no período compreendido entre os séculos XIII e XIX, o que acabaria por comprometer o balanceamento do *corpus* em suas diversas sincronias.

Para coletarmos os dados, adotamos a ferramenta de busca da própria plataforma e, considerando-se nosso intento de verificar a frequência gramatical por século, com vistas a flagrar não só o período da língua em que as formas já se encontravam gramaticalizadas como auxiliares em construções aspectuais, como também um possível contexto de reanálise, optamos pela pesquisa em “gráfico” e utilizamos o seguinte código de busca, exemplificado pelo verbo “andar”: [andar] [VG]. Para constituir nossa amostragem, coletamos as 10 primeiras ocorrências de busca por século, o que, em tese, daria um total de 400 dados, considerando-se que analisamos um período de oito séculos, estudando cinco formas verbais em cada século. Ocorre, contudo, que não foi possível coletar 10 ocorrências de todas as 5 formas analisadas em todos os séculos, já que algumas, como aquelas introduzidas pelo verbo “sair”, por exemplo, não ocorreram em todos os séculos, além do que houve outras formas que ocorreram em número inferior a 10 em alguns séculos. Desse modo, nossa amostragem foi composta por um total de 355 dados.

Finda a coleta das cinco formas verbais selecionadas para este estudo segundo os procedimentos ora descritos, a etapa

subsequente consistiu em analisar os contextos de todos os oito séculos disponíveis na plataforma, a saber, século XIII a século XX, de modo a verificar se, nesse período, os verbos de movimento de que nos ocupamos já haviam se gramaticalizado como auxiliares ou se ainda preservavam suas características de forma nocional, segundo ilustram, respectivamente, os dados (06) e (07) a seguir:

(06) “[...] não teve a audácia de lhe dizer que eu **andava sonhando** com viscondados [...].” (séc. XIX).

(07) “Onde Joane, abade de Monte Si nai, diz que “consiiremos em nos meesmos, que nom **andemos correndo** per o caminho ancho, quando as gentes cuidam e dizem, e nos esso meesmo, que andamos per o semedeiro e caminho estreito.” (séc. XV). (DAVIES; FERREIRA, 2006).

Para dividirmos os oito séculos estudados em períodos, de modo a conseguirmos localizar em que fase da história da língua a gramaticalização ocorrera, conforme um de nossos objetivos, adotamos a clássica periodização proposta por Lindley Cintra (*apud* CASTRO, 2011, p. 73): (i) até o século XIII, pré-literário; (ii) séculos XIV e XV, português antigo; (iii) século XVI, português médio; (iv) séculos XVII e XVIII, português clássico; e (v) séculos XIX e XX, português moderno. No tocante ao quadro teórico que embasou a análise, buscamos combinar os parâmetros de gramaticalização propostos por Lehmann (1982) com os pressupostos teóricos da linguística cognitiva, mais especificamente no que diz respeito aos esquemas imagéticos que envolvem o processo de abstração metafórica das formas no transcurso da mudança.

### 3 Análise diacrônica das construções aspectuais [V1<sup>ANDAR/IR/SAIR/VIR/VIVER</sup>+V2GERÚNDIO] na língua portuguesa

Uma primeira questão com que nos deparamos na análise dos dados diacrônicos foi a existência de contextos de ambiguidade em determinadas sincronias, os quais indiciam uma etapa da mudança linguística ainda em curso, decorrente do processo de abstração metafórica das formas. Votre (1999) os explica com base no “princípio de extensão imagética instantânea”, segundo o qual a faculdade da metáfora opera no ato da interação verbal, disponibilizando automaticamente para o processamento da mente todas as potencialidades, o que autoriza o usuário do sistema linguístico — aí incluso o falante e/ou o ouvinte — a promover tanto uma interpretação mais concreta quanto mais abstrata da forma, dependendo da ativação cognitiva no contexto discursivo. Analisemos como esse processo se manifesta em nossos dados:

(08) “Elle foi cego, miseravel, e **andou pedindo** esmolas pelas Cidades, que depois da sua morte lhe levantáraõ altares.” (séc. XIV).

(09) “O santo Job, quando, na primeira avançada de seu inimigo, perdeu toda a fazenda, **saiu pronunciando** a sentença deste desengano: *Nudus egressus sum de utero matris meæ, et nudus revertat illuc.*” (séc. XVII).

(10) “EMe verdade este **veem saltando** pellos montes. & dando saltos pellos outeiros Semelhante he o meu amado aa cabra saluagen.” (séc. XIV). (DAVIES; FERREIRA, 2006).

Como os verbos que ocupam a posição inicial das construções destacadas nos dados de (08) a (10) denotam, em sua forma lexical, um movimento concreto de deslocamento no espaço, ao se justaporem à forma nominal de gerúndio, eles

podem, potencialmente, denotar também um movimento abstrato, qual seja, o de deslocamento no tempo do evento e, nesse caso, passam a traduzir a categoria de aspecto, o que, no curso do processo de mudança linguística, resulta em sua reanálise como auxiliares que conotam o tempo interno do evento evocado pela forma nominal de gerúndio com a qual se combinam.

Assim, a sequência verbal destacada em (08), por exemplo, suporta duas leituras, sendo uma delas ligada ao deslocamento concreto no espaço, considerando-se que o sujeito de quem se fala se deslocava pelas ruas da cidade pedindo esmolas, e outra segundo a qual esse mesmo sujeito tinha o costume de vagar pela cidade em busca de esmolas, o que configura uma leitura aspectual de deslocamento no tempo interno do evento e, portanto, de processamento cognitivo mais abstrato. Semelhante raciocínio pode ser aplicado aos dados (09) e (10), em que as formas de “sair” e “vir” podem denotar igualmente um movimento concreto no espaço, seguidas de uma oração reduzida de gerúndio que traduz o modo como se dá tal deslocamento físico, ou indicar um movimento abstrato no tempo, responsável por conotar a noção aspectual durativa.

Esses contextos de ambiguidade são preciosos para a análise do processo de mudança não apenas porque indicam que a evolução das formas ainda está em curso, como também porque nos subsidiam a desvendar o possível contexto de reanálise dessas construções aspectuais. No caso das construções de que nos ocupamos, a reanálise da forma em auxiliar se deu a partir da justaposição do verbo de movimento a uma forma nominal de gerúndio introdutora de uma oração subordinada adverbial reduzida de modo, conforme atestam estes dados, em que os verbos de movimento não foram ainda reanalisados como auxiliares de aspecto:

(11) “[...] & duramdo assy allgû espaço, os mouros ferirão dous cavallos dos cristãos, per cuja rrazão se os nossos começarã de **sahyr passamdo** pello Porto dos Moinhos, caminho d’Allagoa, com emtemçom de hyrem rretendo aos mouros.” (séc. XV).

(12) “[...] Almançor fora aalê mar e como allo **andara preegando** pellas terras o mal e o dampno que recebera do conde Fernã Gonçallvez.” (séc. XIV).

13 “[...] E ella quando vyo o sãcto homê de longe que sse **viinha chegando** contra ella começou mui tostemte fogir pera dentro do deserto.” (séc. XIII).

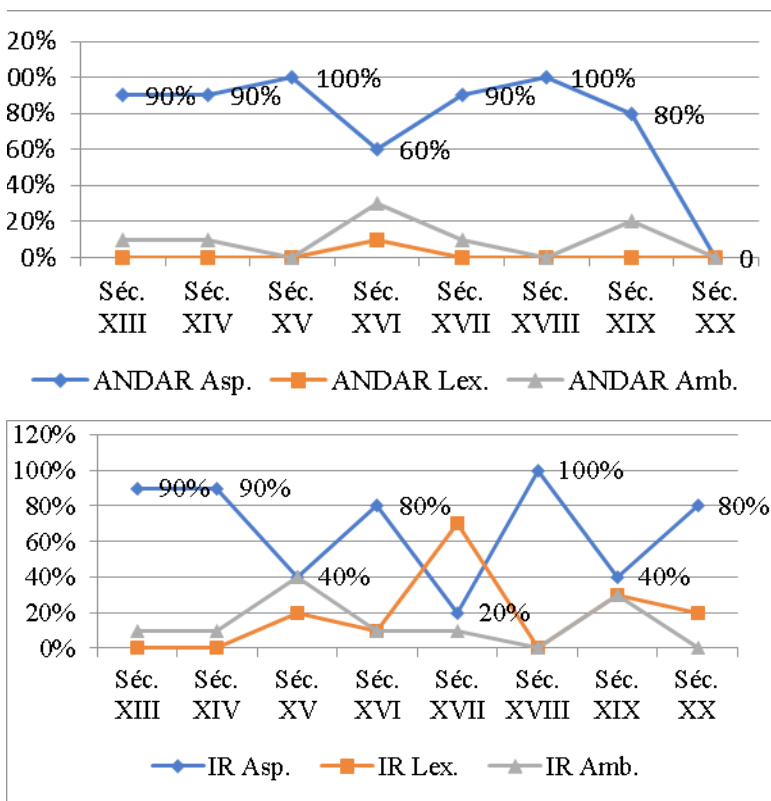
(14) “[...] per que quãdo nostro senhor ihesu xpisto ueer a ssa sancta uoda. Possa **hyr correndo**, ao sseu paaço celestial & uiua ã todolos segres [...]” (séc. XIV). (DAVIES; FERREIRA, 2006).

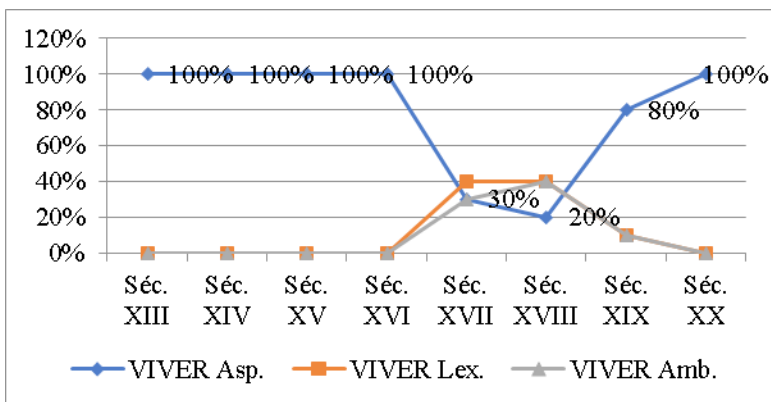
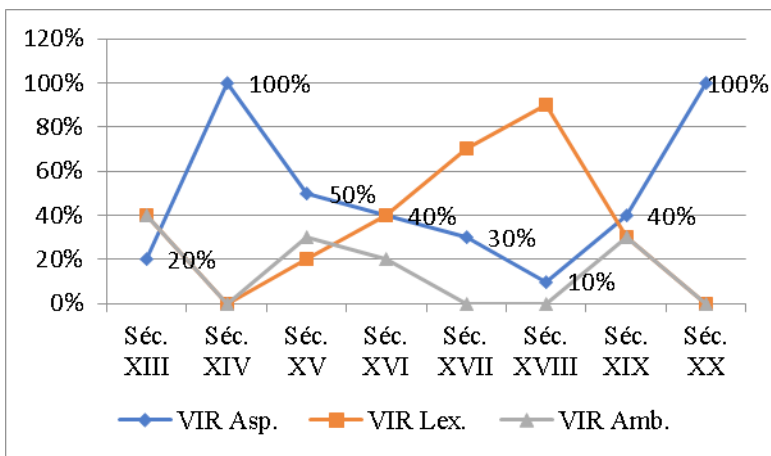
Os dados (12) e (14) são mais interessantes no sentido de que evocam a possibilidade de a justaposição da forma nominal de gerúndio ao verbo de movimento ter sido favorecida pela maior mobilidade sintática tanto do adjunto adverbial do verbo “andar” (“pellas terras”) quanto do complemento circunstancial do verbo “ir” (“sseu paaço celestial”), ambos indicativos de lugar e que aparecem pospostos à forma nominal de gerúndio, introdutora da circunstância modal. Esse se torna, assim, um contexto bastante propício à extensão imagética instantânea, proposta por Votre (1999), que permite tanto o processamento cognitivo de duas formas verbais justapostas — [andara] [pregando]; [hyr] [correndo] —, sendo a primeira uma forma nocional e a segunda a forma nominal da oração reduzida (estágio pré-gramatical, portanto), quanto a reanálise das duas formas como uma construção aspectual — [andara pregando] ; [hyr correndo] — em que a forma de movimento denota não mais um deslocamento físico no espaço, mas um deslocamento no tempo interno do evento, passando a funcionar como verbo auxiliar que participa, juntamente com a forma nominal de

gerúndio, da conotação do aspecto durativo.

Além do contexto de reanálise das construções [V1<sub>ANDAR/IR/SAIR/VIR/VIVER</sub>+V2<sub>GERÚNDIO</sub>], a investigação diacrônica empreendida revelou que os verbos “andar, ir, vir e viver” já estavam gramaticalizados como auxiliares aspectuais desde o século XIII, considerado o período pré-literário da língua portuguesa, na cronologia proposta por Lindley Cintra, conforme demonstram os dados dispostos no Gráfico 1:

**Gráfico 1 - Auxiliares aspectuais gramaticalizados no período pré-literário**



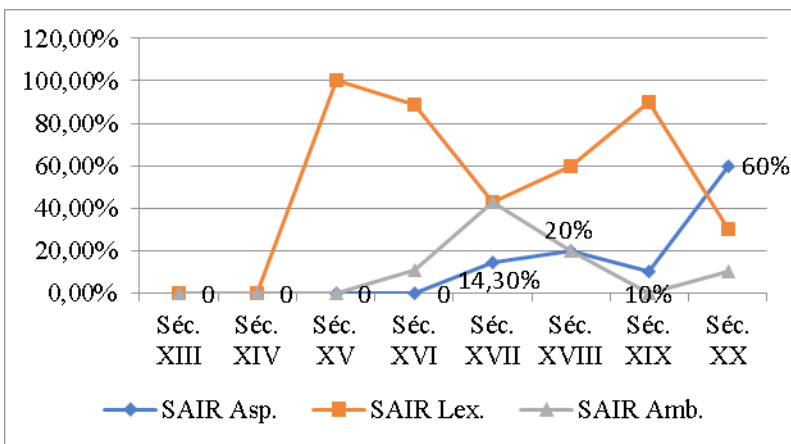


Fonte: Dados coletados.

Diferentemente dos demais, o verbo “sair”, conforme demonstra o Gráfico 2, só aparece gramaticalizado como auxiliar de construções aspectuais no português clássico, mais precisamente no século XVII e, ainda assim, com uma produtividade inferior à das demais formas anteriormente gramaticalizadas (Gráfico 3), o que sinaliza os primeiros momentos da mudança linguística.

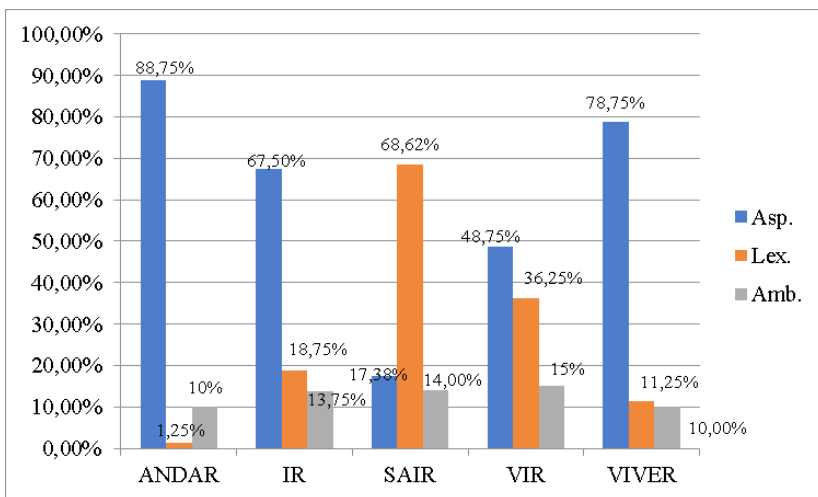


**Gráfico 2 - Auxiliar aspectual gramaticalizado no período clássico**



Fonte: Dados coletados.

**Gráfico 3 - Média diacrônica da produtividade funcional das formas analisadas**



Fonte: Dados coletados.

As primícias da gramaticalização de “sair” como auxiliar de aspecto no século XVII são confirmadas não apenas por sua baixa produtividade gramatical nesse século (14,3%), o que se mantém no século seguinte (20%), como também pela opacidade dos contextos de uso, com alto percentual de ambiguidade no século XVII (48,85%), também identificado, ainda que em menor percentual (20%), no século XVIII, conforme ilustrado por este dado:

(15) “Acháraõ o Menino no presepio entre os dous Serafins da terra, & o conhecêraõ, porque a luz com que o Anjo os rodeára, lhes ficára nos entendimentos. **Sahiraõ louvando**, & glorificando a Deos, & publicando o successo, & todos os que o ouviaõ admirados. Vinha Cordeyro o Verbo encarnado, & por isso foraõ pastores os primeyros que delle davão noticias.” (séc. XVIII). (DAVIES; FERREIRA, 2006).

Em face do período de gramaticalização das formas, pode-se concluir que a construção  $[V1_{SAIR} + V2_{GERÚNDIO}]$ , que se gramaticalizou apenas no período clássico, encontra-se num estágio menos gramaticalizado que aquelas introduzidas pelos demais verbos de movimento estudados. Isso, contudo, não significa que, no processo de gramaticalização das quatro outras, que data do período pré-literário, não haja também graus distintos. Temos motivos para acreditar que a construção com o auxiliar “viver” seja a mais gramaticalizada delas, uma vez que, do século XIII ao século XVIII, não se identificaram empregos de justaposição do verbo de movimento à forma nominal de gerúndio, tampouco contextos de ambiguidade, o que prenuncia um processo de mudança linguística já sagrado. Muito provavelmente esse estágio mais avançado de gramaticalização seja tributário tanto do fato de ser essa a única forma verbal que

traduz, já na fonte lexical, um movimento abstrato, quanto do de a fonte de gramaticalização do auxiliar aspectual não ser o verbo lexical, mas o verbo relacional, que, como tal, é uma marca gramatical de aspecto.<sup>3</sup> Logo, seu processo de gramaticalização pressupõe não a passagem do [+concreto] > [+ abstrato], mas do [-abstrato] > [+ abstrato].

Outra forma verbal cujo processo de gramaticalização também envolve uma gradação do [-gramatical] > [+gramatical] é a do auxiliar “andar”, já que, conforme Tenuta e Coelho (2018), esse auxiliar aspectual também tem como fonte não o verbo lexical, mas o verbo relacional, já esvaziado da noção de *modo* (*manner*) do movimento. Ambos os verbos, “viver” e “andar”,<sup>4</sup> partilham, portanto, a fonte comum do processo de gramaticalização da construção de aspecto, a qual não reside no verbo lexical, mas no verbo relacional, que, em sua essência, carrega a função gramatical de conotar aspecto. Os dados diacrônicos coletados reforçam essa tese, já que se identificaram apenas dados residuais (1,25%) do verbo “andar” lexical justaposto à forma nominal de gerúndio e poucos contextos de ambiguidade (10%), conforme ilustra este dado do século XVIII:

(16) “E todos aqueles ou aquelas que **andarẽ vendendo** pela feyra se algua cousa uenderẽ dẽ senhos. dineyros. da carrega caualar dos allos ou das Cebolas [...]” (séc. XVIII). (DAVIES; FERREIRA, 2006).

Em se tratando das construções formadas, respectivamente, pelos auxiliares “ir” e “vir”, ambas gramaticalizadas a partir

---

<sup>3</sup> Embora nosso sistema de busca no banco de dados não nos permitisse flagrar ocorrências do verbo “viver” empregado como verbo relacional, nossa intuição de falante nos leva a reconhecê-lo em contextos como “Maria **vive** triste pelos cantos, à espera de notícias do noivo desaparecido”. Nesse dado de intuição, percebemos a função aspectual do verbo relacional cujo valor durativo se conserva na construção aspectual, quando este se gramaticaliza em auxiliar.

<sup>4</sup> Registre-se que, na função de verbo relacional, “viver” e “andar” parecem funcionar como variantes linguísticas, já que a substituição de uma forma pela outra, em “Maria **vive/anda** triste pelos cantos, à espera de notícias do noivo desaparecido”, preserva o mesmo sentido.

da fonte lexical, não pudemos alcançar com precisão qual das duas apresenta um estágio mais avançado de gramaticalização, já que, embora estejam gramaticalizadas desde o período pré-literário, no período moderno da língua, conquanto de modo menos produtivo, ambas são ainda empregadas em seu exercício lexical, o que sinaliza um longo processo de mudança, ainda em curso, conforme comprovam os dados a seguir:

(17) “Entón tod’ aquela gente/que i juntada era/**foron corrend’** à casa/ond’ essa voz venhera,/e sacaron o menino/ du o judeu o posera.” (séc. XIII).

(18) “São pagas e **vão correndo** comprar uma bolsa Prada.” (séc. XX).

(19) “[...] & sse ffora da vila for forçada deue**viir carpido** & braadâdo & nomeâdo quen a forçou & ir logo aa justiça & queyxar-se & dizerlhi quen a forçou [...]” (séc. XIII).

(20) “Juliana trouxe o rol e a lamparina. **Vinha arrastando** as chinelas, com um casabeque pelos ombros, encolhida e lúgubre.” (séc. XIX). (DAVIES; FERREIRA, 2006).

Os dados dispostos no Gráfico 3 sugerem que a construção com o auxiliar “ir” esteja em processo um pouco mais avançado de gramaticalização que aquela introduzida pelo auxiliar “vir”, já que o percentual de usos gramaticais da construção  $[V1_{VIR} + V2_{GERÚNDIO}]$  é superior (67,5%), assim como é inferior seu percentual de empregos lexicais (18,75%). É possível, contudo, que a análise do processo de abstração dessas formas, mais especificamente dos esquemas imagéticos subjacentes nas formas lexicais, possa lançar alguma luz sobre essa questão, tema que passamos a explorar na seção subsequente.

## 4 Os esquemas imagéticos dos verbos de movimento e as restrições sintático-semântico-funcionais das construções [V1<sub>ANDAR/IR/SAIR/VIR/VIVER</sub>+V2GERÚNDIO] na língua portuguesa

A fim de identificarmos as motivações cognitivas para a gramaticalização das construções [V1<sub>ANDAR/IR/SAIR/VIR/VIVER</sub>+V2<sub>GERÚNDIO</sub>], enfocamos mais especificamente o sentido lexical dos verbos de movimento que ocorrem na posição V1 dessas construções e identificamos os esquemas imagéticos ou elementos desses esquemas que são destacados na conceptualização de conteúdos lexicais específicos desses verbos.

Entende-se, na perspectiva da linguística cognitiva, que o significado de uma palavra, por fazer referência a determinado *frame* (FILLMORE, 1982) ou esquema imagético, ou a partes específicas desse *frame* ou esquema, permite ao usuário da língua focalizar esses elementos referidos, que integram o que Langacker (1987; 2008) denomina “perfil” desse item lexical. Assim, para a construção do significado original de um verbo em V1, é necessário levar-se em consideração o(s) esquema(s) imagético(s) que esse verbo expressa, bem como os elementos selecionados do(s) esquema(s), que são por ele perfilados.

Ao avaliar processos de mudança semântica, Sweetser afirma que

transferências de sentido em uma mudança semântica histórica, incluindo a gramaticalização, envolvem preservação de estrutura de esquema imagético; [...].

Na gramaticalização, a transferência ocorre para um domínio topológico consideravelmente abstrato (seja qual for o domínio gramatical que esteja envolvido); então, há menos recheio de significado. No entanto, o significado do novo domínio, propriamente, é

adicionado.<sup>5</sup> (SWEETSER, 1988, p. 392, tradução nossa)

Nesse processo de gramaticalização, o mapeamento entre os domínios é sempre parcial. Para a autora, “[...] os mapeamentos de fontes em causas, ou locais em condições lógicas, [decorrem] de uma extensão do mapeamento metafórico de movimento espacial em cadeia de eventos”.<sup>6</sup> (SWEETSER, 1988, p. 394, tradução nossa). No caso das construções [V1<sub>ANDAR/IR/SAIR/VIR/VIVER</sub>+V2<sub>GERÚNDIO</sub>], o significado aspectual resultante do processo de gramaticalização advém, similarmente, do fato de a “extensão” de um percurso, no domínio espacial (implícito no esquema imagético FONTE-TRAJETO-ALVO), ser seletivamente mapeada na “repetição/duração” de uma cadeia de eventos. Dessa forma, no âmbito dessas construções, verbos que expressam um movimento concreto de deslocamento no espaço, em V1, ao se justaporem a um verbo na forma de gerúndio, originalmente categorizado como uma oração subordinada adverbial reduzida de modo, em V2, passam a denotar um movimento abstrato, qual seja, o de deslocamento no tempo do evento, um conteúdo essencialmente aspectual. Essa transformação semântica resulta na reanálise desses verbos em V1 como elementos auxiliares, conotando o tempo interno do evento expresso em V2<sub>GERÚNDIO</sub>.

Isso não significa, no entanto, que todos os verbos de movimento possam ocupar a posição V1 da construção. Como já dito, para o propósito da análise conduzida nesta pesquisa, a visualização da estrutura conceptual dos verbos em V1 da

---

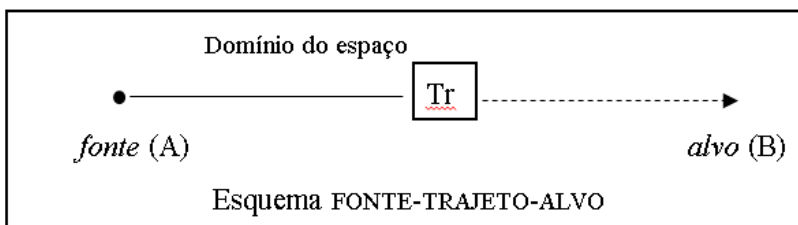
5 No original: “Meaning-transfers in historical semantic change, including grammaticalization, show preservation of image-schematic structure [...]. In grammaticalization, the transfer is to a fairly abstract, topological domain (whatever domain of grammatical meaning may be involved); so there is less fleshing-out of meaning. However, the meaning of the new domain itself is still added.”

6 No original: “the mappings of sources onto causes, or locations onto logical conditions, following from an extension of the same metaphorical mapping of spatial motion onto event-chains.”

construção aspectual gramaticalizada mostrou-se relevante para a compreensão dessa gramaticalização. Os auxiliares “andar, ir, sair e vir”, nessa construção, passam por um processo de abstração de seu sentido original de “movimento no espaço” para o sentido de “movimento no evento”, que é um movimento de natureza temporal, abstrato. Relativamente ao auxiliar “viver”, temos uma metaforização, portanto, uma relação indireta com esse movimento concreto, que será descrita abaixo.

Assim, os verbos “andar, ir, sair e vir” expressam, em sua forma básica, o esquema imagético ligado a movimento FONTE-TRAJETO-ALVO. Isso significa que, na conceptualização desses itens lexicais, são evocados todos os elementos, ou parte dos elementos, que compõem essencialmente esse esquema imagético: (i) uma origem, um ponto de partida *fonte* (A); (ii) um percurso (uma sequência de localizações entre a origem e o destino); e (iii) um *alvo* (B). Na figura abaixo, adaptada de Lakoff e Johnson (1999), que representa o esquema FONTE-TRAJETO-ALVO, o *trajetor*, no domínio do espaço, está em movimento em direção ao *alvo* e ocupa, a cada momento conceptualizado, uma determinada posição do percurso:

Figura 1 - Esquema



Fonte: Adaptado de Lakoff e Johnson (1999, p. 33).

O esquema imagético representado acima tem lastro experiencial em situações de vida variadas, tais como o caminho percorrido por uma pessoa de um lugar a outro; o movimento de uma bola lançada por um jogador; o movimento de um projétil arremessado. Linguisticamente, FONTE-TRAJETO-ALVO embasa o conteúdo semântico de uma série de itens lexicais e de um número de estruturas sintáticas, como o faz em relação ao sentido primário do verbo que é abstraído na posição V1 da construção aspectual sob análise. Nesse sentido, identificamos que a existência do conteúdo semântico desse esquema imagético é uma exigência para que uma forma verbal possa se gramaticalizar como elemento auxiliar dessa construção, e o resultado desse processo pode ser descrito, esquematicamente, como [V1FONTE-TRAJETOR-ALVO+V2GERÚNDIO].

Apesar desse embasamento semântico comum em FONTE-TRAJETO-ALVO, o conteúdo original de um verbo em V1 pode apresentar especificidades em relação a esse esquema imagético. Por exemplo, esse verbo pode expressar ou não os conteúdos *orientação* e *direção*. Pode haver, também, a peculiaridade de um verbo expressar outro esquema imagético, como no caso do verbo “sair”, cuja conceptualização básica evoca, adicionalmente, CONTENTOR. Segundo Lakoff e Johnson,

um esquema contentor tem a seguinte estrutura: um lado interno, um limite e um lado externo. [...] O esquema contentor, como qualquer outro esquema imagético, é conceitual. Tal esquema contentor pode, no entanto, ser instanciado fisicamente, tanto como um objeto concreto, como um quarto ou uma xícara, ou como uma região delimitada no espaço, como uma quadra de basquete ou um campo de futebol.<sup>7</sup> (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 32, tradução nossa).

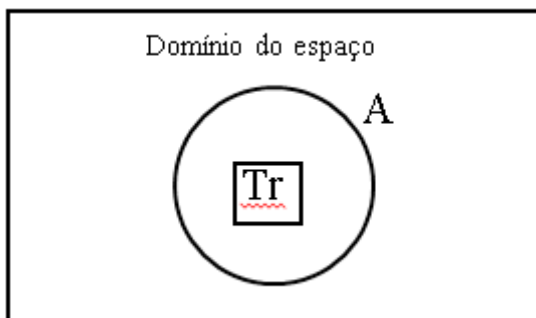
---

<sup>7</sup> No original: “A container schema, as any other image schema, is conceptual. [...] Such a container schema can, however, be physically instantiated either as a concrete object, like a room or a cup, or as bounded region in space, like a basketball court or a football field.”



Abaixo, apresentamos uma representação do esquema CONTENTOR, adaptada daquela encontrada em Lakoff e Johnson (1999, p. 32). Nesta representação, um objeto (Tr) está dentro do contentor (A):

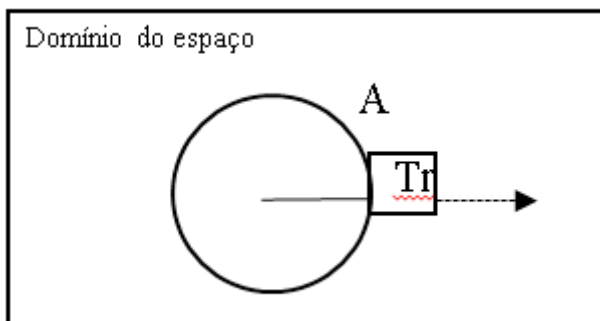
**Figura 2 - Esquema CONTENTOR**



Fonte: Adaptado de Lakoff e Johnson (1999, p. 32).

O sentido lexical de “sair” pressupõe o esquema FONTE-TRAJETO-ALVO, do qual é focado o ponto de partida, *fonte*, sem fazer referência ao ponto de chegada, *alvo*. Além disso, o significado original desse verbo incorpora outro esquema imagético, o CONTENTOR. Para a interpretação de “sair”, então, conceptualiza-se o *trajetor*, realizando um movimento, um percurso, para fora do contentor (A), o *marco*, que é, ao mesmo tempo, o ponto inicial *fonte* daquele percurso. Por envolver dois esquemas imagéticos, percebe-se, portanto, que a conceptualização desse verbo é mais complexa relativamente à dos demais integrantes da categoria V1:

**Figura 3 - Conceptualização de “sair” primitivo (CONTENTOR e FONTE-TRAJETO-META)**

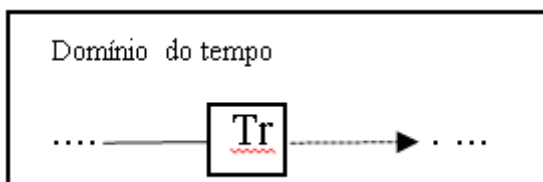


A análise diacrônica empreendida (cf. seção precedente) acusou que a gramaticalização de “sair” ocorreu mais tardiamente em relação aos outros verbos participantes de V1. Sendo esse o único dos verbos de movimento aqui estudados que congrega, em sua forma básica, dois esquemas imagéticos, FONTE-TRAJETO-ALVO e CONTENTOR, estamos propondo que haja uma maior complexidade no processo de abstração de seu significado e que essa configuração conceptual mais densa seja um fator desfavorável para a gramaticalização do auxiliar das construções aspectuais. Avaliamos ainda que o esquema complexo FONTE-TRAJETO-ALVO/CONTENTOR presente na conceptualização primordial de “sair”, que distingue esse verbo dos demais em V1, muito provavelmente seja o elemento que confere a  $[V1_{SAIR} + V2_{GERÚNDIO}]$ , idiosincraticamente, uma conotação adicional de inceptividade, hipótese que merece ainda investigação mais aprofundada.

Quanto a “viver”, seu *status* de membro da categoria V1 da construção aspectual, conforme demonstrado nas considerações iniciais, é viabilizado por uma interpretação metafórica de seu

significado, que pode ser aferido como VIVER É VIAJAR/MOVER-SE NO TEMPO; “viver” em V1 expressa, portanto, um movimento abstrato no tempo, também suportado pelo esquema imagético FONTE-TRAJETO-ALVO:

**Figura 4 - Conceptualização de “viver” (metaforizado)**



Fonte: As autoras.

Estamos propondo, então, que, ao integrar a construção aspectual objeto de nosso estudo, “viver” já não tem conteúdo lexical, ou nocional pleno. A abstração que ocorre no âmbito da construção [V1<sub>VIVER</sub>+V2<sub>GERÚNDIO</sub>] é oriunda de uma abstração prévia. “Viver” que se gramaticaliza na construção aspectual é, portanto, um item já metaforizado e gramaticalizado, ou seja, um item cujo significado já passou pela transformação de “movimento concreto no espaço” (verbo lexical, nocional) para “movimento abstrato no tempo” (verbo relacional). Esse item sofre, agora, um segundo processo de abstração, que envolve “movimento abstrato no tempo” ser mapeado em “movimento mais abstrato no evento” (verbo auxiliar aspectual).

Do conjunto de construções sob observação diacrônica, neste estudo, a que é formada com V1<sub>VIVER</sub> é não só aquela cuja gramaticalização é produtiva desde o século XIII, como também aquela sobre a qual não paira dúvida de que a forma nominal de

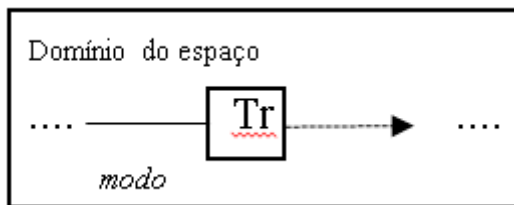
gerúndio em V2 não traz mais qualquer conteúdo adverbial; ao contrário, V2, nessas construções, é indubitavelmente o verbo principal da construção aspectual.

Cabe ainda menção ao conteúdo semântico *modo*. Sweetser (1988), referindo-se a verbos de movimento, observa que aqueles que explicitamente expressam *modo* e *velocidade* não terão tendência a se gramaticalizar em marcadores temporais. Segundo a autora, para isso, seria antes necessária a “supressão desse significado explícito” (SWEETSER, 1988, p. 392, tradução nossa). Em nosso estudo, identificamos restrição similar para gramaticalização do verbo de movimento em elemento auxiliar de conteúdo aspectual. Nesse sentido, há um grupo significativo de eventos (ou verbos) de movimento que não ocupam V1, ou seja, não se gramaticalizam nas construções que estamos analisando, que expressam o conteúdo semântico *modo*, como “correr, nadar, voar, viajar”, etc. (TENUTA; COELHO, 2018). Apesar de também terem o esquema FONTE-TRAJETO-ALVO pressuposto em sua conceptualização, eles expressam modos específicos de deslocamentos por esses trajetos e não são reanalisados, preservando o sentido adverbial de um eventual verbo no gerúndio a ele justaposto. Isso faz pressupor que a entidade semântica *modo*, nos termos de Talmy (2000), constitui um fator impeditivo para a emergência da construção, uma restrição para a gramaticalização dos verbos auxiliares de movimento. Portanto, esse é um conteúdo que não faz parte da carga conceitual dos verbos auxiliares que participam das construções aspectuais analisadas neste estudo.

Poderíamos pensar que “andar”, um dos verbos que é reanalisado em auxiliar de uma de nossas construções aspectuais, fosse uma exceção a essa restrição, uma vez que,

primitivamente, expressa modo (a maneira como o ser humano caminha, que é, prototipicamente, dando passos, ou seja, indica um movimento corpóreo básico da experiência física humana que permite deslocamento pelo percurso). O significado desse verbo pressupõe FONTE-TRAJETO-ALVO subjacente, sem perfilar os pontos (A) e (B) e sem, também, indicar *orientação* ou *direção*, mas indicando o *modo* dessa ação:

### Figura 5 - Conceptualização de “andar” primitivo



Fonte: As autoras.

No entanto, à semelhança de “viver”, o verbo “andar” que funciona como auxiliar na construção aspectual já fora gramaticalizado como verbo de ligação. Essa idiosincrasia de “andar”, tal como defendido em Tenuta e Coelho (2018), explica-se pelo fato de a fonte de gramaticalização do auxiliar não ser o verbo lexical, mas a forma relacional, já abstraída dessa noção de *modo*.

Uma semelhança no comportamento de “andar” e “viver”, na dinâmica das construções aspectuais aqui abordadas, que é possivelmente decorrente de ambos serem verbos relacionais, é o fato de admitirem V2<sub>MOVIMENTO</sub>. Tenuta e Coelho (2018) haviam revelado uma tendência à incompatibilidade entre dois verbos de movimento (V1<sub>MOVIMENTO</sub>+V2<sub>MOVIMENTO</sub>) na construção aspectual, à exceção daquela cuja estrutura é [V1<sub>ANDAR</sub>+V2<sub>MOVIMENTO</sub>].

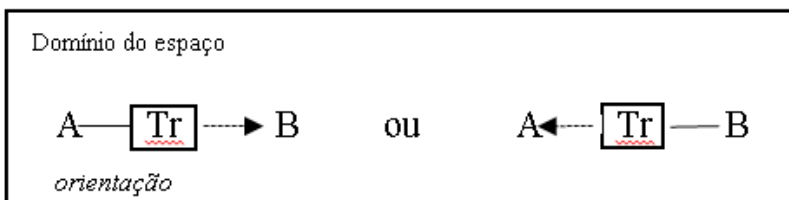
Acrescentamos agora que são encontradas também ocorrências de  $[V1_{VIVER} + V2_{MOVIMENTO}]$ . Nesse sentido, sendo  $V1_{ANDAR}$  e  $V1_{VIVER}$  verbos relacionais, não teríamos dois verbos de movimento nesses exemplos de construções, pois apenas V2 teria essa natureza.

(21) “Respondeu que tinha em Benguela uma filha, com quem **andava viajando** a Suíça.” (séc. XIX).

(22) “[...] se eu pudesse assim — eu **vivia viajando** assim trocando informações, indo dum lugar pra outro.” (séc. XX). (DAVIES; FERREIRA, 2006).

Os significados das fontes lexicais dos auxiliares “ir” e “vir” das construções aspectuais indicam conceptualizações muito semelhantes, com uma base forte no esquema imagético FONTE-TRAJETO-ALVO. “Ir” perfila o deslocamento de um ponto a outro do trajeto, expressando *orientação*, mas não *direção*.<sup>8</sup> “Vir” distingue-se de “ir” apenas por possuir um caráter dêitico constante, já que o deslocamento, nessa conceptualização, é especificado na direção do ponto *fonte* (A), no qual se encontra também o conceptualizador/falante. As representações das conceptualizações desses verbos estão a seguir:

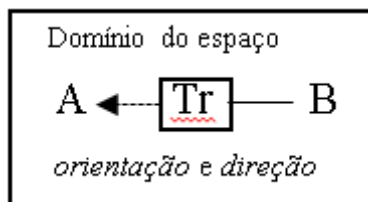
Figura 6 - Conceptualização de “ir” primitivo



Fonte: As autoras.

<sup>8</sup> Apenas nos casos em que o falante é conceptualizado como um participante da cena, localizando-se em (A), esse verbo tem uma leitura dêitica, em que *direção* também é perfilada.

### Figura 7 - Conceptualização de “vir” primitivo



Fonte: As autoras.

O processo de gramaticalização desses dois auxiliares da construção aspectual também se mostrou semelhante na perspectiva diacrônica (Gráfico 3), já que ambos ainda são empregados em suas respectivas formas lexicais justapostas a uma oração adverbial reduzida de gerúndio, além de também apresentarem contextos de opacidade num percentual superior a 10% dos usos ao longo dos séculos.

### Considerações finais

Nosso artigo dedicou-se à análise diacrônica de cinco construções aspectuais da língua portuguesa que partilham características semelhantes no tocante tanto à forma quanto à função. Em se tratando da forma, tais construções apresentam, na posição de V1, um verbo de movimento, nos termos de Talmy (2000), e, na posição de V2, uma forma nominal de gerúndio. Apoiadas num quadro teórico de interface entre linguística cognitiva e gramaticalização de construções, testamos a hipótese de que os esquemas imagéticos envolvidos na conceptualização dos verbos “andar, ir, sair, vir e viver” determinariam algumas restrições sintático-semânticas oriundas de seu processo de gramaticalização em auxiliares de construções aspectuais. No

entorno desse objetivo maior, buscamos também identificar diacronicamente a cronologia dessa gramaticalização e o contexto de reanálise das formas.

A análise dos 355 dados coletados no *corpus* histórico do banco de dados do **Corpus do Português**, no período compreendido entre os séculos XIII e XX, e as reflexões empreendidas permitiram-nos alcançar as seguintes generalizações: (i) o esquema FONTE-TRAJETO-ALVO deve estar presente na conceptualização do verbo de movimento, para que este possa se combinar com a forma nominal de gerúndio, formando com ela uma construção aspectual; (ii) o contexto de reanálise da construção é aquele em que o verbo de movimento aparece justaposto a uma forma nominal de gerúndio introdutora de uma oração de natureza adverbial; (iii) o percurso de gramaticalização dos auxiliares “ir, sair e vir” decorre da reanálise de um verbo lexical em verbo auxiliar, ao passo que a fonte da gramaticalização dos auxiliares “andar e viver” é o verbo relacional, o que, em tese, torna as construções  $[V1_{ANDAR/VIVER} + V2_{GERÚNDIO}]$  mais gramaticalizadas que as demais analisadas, já que seu percurso de gramaticalização vai do  $[-gramatical] > [+gramatical]$ ; (iv) as construções aspectuais  $[V1_{ANDAR/IR/VIR/VIVER} + V2_{GERÚNDIO}]$  já eram produtivas na marcação do aspecto durativo/iterativo na língua portuguesa desde o século XIII; (v) a gramaticalização do verbo “sair” como auxiliar aspectual só foi observada no século XVII; (vi) além disso, o verbo “sair” é o único dos verbos de movimento analisados cuja conceptualização básica congrega dois esquemas imagéticos — FONTE-TRAJETO-ALVO e CONTENTOR —, o que nos leva a propor que a abstração desses dois esquemas torna mais complexo seu processo de gramaticalização e, portanto, explica o fato de sua reanálise como verbo auxiliar ter se dado mais tardiamente; (vii) outra idiosincrasia observada nas construções cujo V1 é “sair”



diz respeito à cumulação de noções aspectuais, dado que as construções de que participa marcam também uma conotação de inceptividade, noção que especulamos ser oriunda do esquema imagético do *CONTENTOR*, mas cuja validação ainda carece de investigação mais aprofundada.

A despeito das limitações da análise, que fomentam investigações futuras, acreditamos que conseguimos contribuir com os estudos linguísticos, sobretudo com aqueles que se dedicam ao estudo de processos de gramaticalização, elucidando que as questões cognitivas envolvidas no percurso da mudança transcendem a mera abstração da forma, responsável por determinar sua migração de uma categoria mais concreta para outra mais abstrata. Nossa análise acusa que, de fato, os esquemas imagéticos e os conteúdos semânticos que os integram presentes na conceptualização das formas lexicais também são responsáveis por restrições sintático-semânticas identificadas na construção gramaticalizada.

## Referências

- BENVENISTE, Émile. Mutations of linguistic categories. In: LEHMANN, Winfred; MALKIEL, Yakov (ed.). **Directions for historical linguistics**: a symposium. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 85-94.
- CASTRO, Ivo. **Introdução à história do português**. 2. ed. rev. ampl. Lisboa: Edições Colibri, 2011.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. **Corpus do Português**: 45 milhões de palavras, 1300s a 1900s. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 23 jan. 2016.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics**: an introduction. Edinburgh University Press, 2006.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. **Linguistics in the morning calm**. Seul: Hanshin Publishing Co., 1982.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination and reason. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Zóltan. **Metaphor**: a practical introduction. New York: Oxford University Press, 2002.

KURYLOWICZ, Jerzy. L'évolution des catégories grammaticales. In: BENVENISTE, Émile et al. **Problèmes du langage**. Paris: Gallimard, 1965. p. 55-71.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTHONY, A. **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western society. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LEHMANN, Christian. **Toughts on grammaticalization**: a programmatic sketch. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien Projekts 48, 1982.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1948.

PONTES, Eunice. **Verbos auxiliares em português**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

SINHA, C. Grounding, mapping and acts of meaning. In: JANSSEN, T.; REDEKER, G. (ed.). **Cognitive linguistics: foundations, scope and methodology**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999. p. 223-255.

SWEETSER, Eve E. **Grammaticalization and semantic bleaching**: proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1988. p. 389-405.

TALMY, Leonard. **Toward a cognitive semantics: concept structuring systems**. Cambridge: The MIT Press, 2000. v. 1.

TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria. A gramaticalização da construção V1verbo de movimento + V2gerúndio e a expressão do aspecto iterativo no português. In: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria. **Uma abordagem cognitiva da linguagem** [livro eletrônico]: perspectivas teóricas e descritivas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018. Disponível em: <[http://www.lettras.ufmg.br/site/e-livros/abordagem\\_cognitiva-linguagem\\_Adriana\\_Tenuta\\_Sueli\\_Coelho.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/site/e-livros/abordagem_cognitiva-linguagem_Adriana_Tenuta_Sueli_Coelho.pdf)>. Acesso em: 01/05/2020.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **The embodied mind: cognitive science and human experience**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1991.

VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli Maria. A auxiliarização em português: aspecto, novas formas e implicações teóricas. In: GALVES, Charlotte; KATO, Mary A., ROBERTS, Ian (org.). **Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019. p. 253-282.

VOTRE, Sebastião Josué. **Cognitive verbs in Portuguese and Latin: unidirectionality revisited**. Santa Bárbara: Universidade da Califórnia, 1999. (mimeogr.).